



## O impacto da pandemia nas vozes de jovens do Ensino Médio das escolas públicas do Estado de Minas Gerais

*The impact of the pandemic on the voices of High School students in public schools in the State of Minas Gerais*

Monica Izilda Silva<sup>1</sup>

Daniel Fernando Bovolenta Ovigli<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo aborda de forma preliminar os impactos da pandemia da Covid-19, considerando as vozes de jovens do Ensino Médio de diferentes escolas públicas, situadas em diferentes realidades do Estado de Minas Gerais. Para tanto, baseamo-nos na técnica de pesquisa qualitativa grupo focal, a partir da interação entre quinze jovens, de forma a revelar suas percepções. As falas do grupo foram transcritas e analisadas em acordo com a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), organizadas a partir das categorias: (i) quem são os jovens pesquisados; (ii) jovens em ação; (iii) os jovens e a escola na pandemia; (iv) ensino remoto das escolas públicas; (v) ser jovem da escola pública na pandemia. A análise e a interpretação das vozes dos jovens revelam desafios urgentes frente às adversidades impostas pelo cenário pandêmico o que enseja, por parte das políticas educacionais, a busca pela permanência desses jovens no Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Jovens. Ensino Médio. Pandemia.

### Abstract

The article addresses, in a preliminary way, the impacts of the Covid-19 pandemic, considering the voices of high school youth from different public schools, located in different realities of the State of Minas Gerais. To do so, we based ourselves on the qualitative focus group research technique, based on the interaction between fifteen young people, in order to reveal their perceptions. The group's statements were transcribed and analyzed according to Bardin's (2011) content analysis technique, organized according to the following categories: (i) who are the young people surveyed; (ii) youth in action; (iii) Youth and School in the pandemic; (iv) Remote

<sup>1</sup> Servidora da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) - monica.silva@educacao.mg.gov.br

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias (DECMT), vinculado ao Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação (ICENE) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).



Teaching from Public Schools; (v) Youth Students in the pandemic. The analysis and interpretation of the voices of young people reveal urgent challenges in the face of the adversities imposed by the pandemic scenario, which gives rise, on the part of educational policies, to the search and permanence of these young people in high school.

**Keywords:** Young people. High school. Pandemic.

## 1 Introdução

O Ministério da Saúde do Brasil divulga, no dia 31 de dezembro de 2019, após estudos e casos confirmados na China, um novo agente viral (coronavírus) capaz de provocar uma síndrome respiratória aguda grave, também chamada de SARS-CoV-2. No dia 26 de fevereiro de 2020 foi confirmado o primeiro caso de contaminação no Brasil, em São Paulo, desencadeando um processo de disseminação e sucessivas mortes no país. O grande potencial de transmissibilidade do vírus gerou uma crise sanitária expandindo a doença do novo coronavírus (Covid-19), desestabilizando a vida de bilhões de pessoas pelo mundo. Um dos efeitos mais evidentes foi o conjunto de medidas para o distanciamento social, incluindo as escolas e os sujeitos que nelas interagem (MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL, 2020).

Tais medidas restritivas se refletiram no fechamento de bares, adiamentos de eventos sociais, religiosos, almoços de famílias, apertos de mãos e a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais, algumas das determinações do Ministério da Saúde do Brasil (2020), considerando os indicadores de transmissibilidade da Covid-19.

Com a quarentena decretada conjuntamente com a adoção de protocolos sanitários, algumas pessoas puderam trabalhar no formato *home office*<sup>3</sup>, ou seja, em casa, o que foi facilitado pelas evoluções tecnológicas em especial pela internet, limitando a livre circulação nas ruas para contenção do vírus, ainda que essa

---

<sup>3</sup> *Home office* ou *escritório em casa*, também chamado de trabalho remoto, trabalho à distância ou teletrabalho, é uma tendência mundial que a cada ano ganha mais adeptos. Basicamente, trata-se de permitir que o colaborador trabalhe de qualquer lugar. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Home\\_office](https://pt.wikipedia.org/wiki/Home_office). Acesso em 19 out. 2022.



possibilidade de escolha não tenham sido as mesmas para todos os cidadãos (REIS et al., 2020).

No âmbito das atividades escolares não foi diferente. Medidas para o enfrentamento à Covid-19, em caráter emergencial de saúde pública de importância internacional, foram criadas via decretos e leis como forma de contenção da pandemia e com alterações exponenciais na dinâmica das atividades escolares de todo o país, provocando uma mudança profunda na forma com que a sociedade em geral vê a educação, em especial os estudantes e os professores (SEE-MG, 2021).

Com as aulas presenciais suspensas abruptamente, políticas públicas e instituições de ensino, de forma a não interromper o ano letivo e no sentido de dar continuidade às ações pedagógicas e calendário escolar, abraçaram formas digitais de ensino, para que a conexão entre estudantes e escola não se esgotasse na evasão ou no abandono escolar. As lideranças governamentais, cientes da falta de acesso de muitos dos estudantes às mídias digitais, deram também a opção do material impresso (SEE-MG, 2021).

Em meio a mudanças repentinas, é praticamente impossível não se refletir e debater sobre as condições socioeconômicas desfavoráveis na rede pública de ensino no Brasil, agravadas com a crise sanitária.

O Plano de Estudo Tutorado (PET) foi uma das ferramentas utilizadas pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais enquanto Regime de Estudo não Presencial (RENP) neste período no qual as aulas estiverem suspensas. Ele foi ofertado aos alunos da rede pública como alternativa para a continuidade no processo de ensino até a retomada das aulas de forma presencial (SEE-MG, 2021).

Além da organização das apostilas para que alunos e professores trabalhassem os conteúdos curriculares ao longo do período de isolamento social, foram criados também o canal, via televisão, com o programa de TV - Se Liga na Educação, transmitido na Rede Minas<sup>4</sup> (para os estudantes da cidade de Belo Horizonte), de segunda-feira a sexta-feira, pela manhã, como material complementar. Para alunos de

---

<sup>4</sup> A Rede Minas é transmitida em Belo Horizonte e na Região Metropolitana no canal 9 da TV Aberta. Fonte: <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/se-liga-na-educacao>. Acesso em 25 out. 2021.



outras cidades foi disponibilizado o material via link <http://redeminas.tv/como-sintonizar>. As aulas também foram difundidas de forma gratuita no aplicativo "Conexão Escola". Neste aplicativo os estudantes das escolas públicas tinham acesso às videoaulas e materiais veiculados no programa Se Liga na Educação, bem como acessar os Planos de Estudos Tutorados - PET (SEE-MG, 2021).

Apesar das muitas alternativas buscadas como tentativa de minimizar as lacunas com o distanciamento social e escolar, como aulas remotas via internet, televisão, telefone e material impresso, pode-se afirmar que acabaram sendo insuficientes frente ao número de problemas e desafios escancarados nos abismos de estudantes, juntamente com os números da desigualdade social e econômica do país. Ficou mais acentuada a desigualdade, em especial para os estudantes que não dispunham do mínimo para viver, conta difícil e complexa de se fechar, ancorada na relação estudante-conhecimento escolar-realidade (SALES; EVANGELISTA, 2020).

Assim, a pandemia sentenciou muitos dilemas e desafios, em especial para os jovens do Ensino Médio das escolas públicas, que se viram fortemente comprometidos com o processo educativo e social frente à ausência de recursos eletrônicos e da própria internet (SALES; EVANGELISTA, 2020).

As ações com a juventude fazem parte de uma política nacional recente, após dez anos de tramitação e de muitas mobilizações sociais, já que o Estatuto da Juventude foi regulamentado em 05 de agosto de 2013, por meio da Lei nº 12.852, com vigência a partir de 02 de fevereiro de 2014. Estabelece em seus artigos a promoção da aprendizagem, a autonomia, o diálogo e o respeito. E, ainda, em seu artigo 26, o acesso à comunicação e à livre expressão, à produção de conteúdo, individual e colaborativo, e ao acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Para discutir a ideia da relação com o saber frente a esse contexto pandêmico, na busca dos sentidos com o que e como se aprende, a compreensão enquanto pessoa, como o mundo pode ser apreendido, como se dá esta construção que transforma a si próprio, contamos com o aporte teórico de Charlot (2001), que dialoga com Paulo Freire (1995) ao ressaltar a importância em aprender participando em um processo de libertação e de humanização, particularmente voltado para a juventude.



Referências como Krawczyk (2018), Zan (2018), Spósito (2020), Pais (2012) são bem-vindos na discussão desse dilema social pandêmico e também no período pós-pandemia, com suas pesquisas sobre jovens e seus novos contornos.

Na busca dos sentidos para os jovens em estudar e buscar o conhecimento, a autora Abramovay (2015), coordenadora de várias pesquisas sobre juventude, se alicerça em Freire (1995), Charlot (2001) e Dayrell (2007), que promovem provocações que nos conduzem a refletir sobre a importância em estabelecer diálogos com os jovens, para entender as razões que os levam a buscar ou não o processo educativo.

Dayrell (2007), com uma atuação destacada nos projetos e movimentos juvenis nacionais e locais, pesquisador nos temas juventude, cultura e educação, tem como princípio as relações entre juventude e escola. Relações essas que precisam buscar sentidos, conforme ilustra Paulo Freire, para quem os olhares devem ser voltados para “o outro”. Neste sentido, Dayrell (2007) e os demais autores supracitados defendem relações sensíveis entre os jovens e a escola, estabelecida por meio dos sentidos, nas relações com os jovens, pelo qual se tornam produtores de conhecimento, para serem transformadores atuantes do mundo.

Além do enfoque na participação e nos sentidos das relações, Amorim e Miskulin (2010) pontuam a necessidade de garantir o acesso ativo às tecnologias, buscando soluções tecnológicas de alcance social, diminuindo as diferenças e resgatando os valores de cidadania, ao combater barreiras tecnológicas, educacionais e culturais, o que dialoga com essa pesquisa, já que se propõe a preconizar o estudo das relações dos jovens do Ensino Médio em tempos de pandemia.

A escolha por esses autores é expressa pelo consenso que estabelecem com a temática deste estudo e as escolhas da pesquisadora, já que buscam os sentidos nas relações dos jovens com a escola e estes com as tecnologias, como evidenciam Amorim e Miskulin (2010), e a busca de relações dialogadas com os jovens, como destacam Charlot (2001), Abramovay (2015) e Dayrell (2007).

Neste sentido buscamos entender, nas vozes dos jovens de Ensino Médio das Escolas Públicas do Estado de Minas Gerais, como a pandemia os atingiu, com o





objetivo de compreender os sentidos e impactos por eles percebidos durante o período de ensino remoto.

## 2 Metodologia

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o número CAAE 52877121.7.0000.5154. O estudo foi realizado em formato online, com enfoque nos jovens de 15 a 17 anos, totalizando um grupo de 15 participantes, do Ensino Médio das escolas da rede estadual de MG que tenham ofertado o ensino remoto emergencial nos anos de 2020 e 2021.

As entrevistas ocorreram via Google Formulários® e Google Meet®. Os participantes necessários à consecução dessa pesquisa foram recrutados inicialmente por meio da rede de contatos dos pesquisadores e a indicação de outros membros pelos participantes iniciais e assim por diante, utilizando a técnica “bola de neve”. As *sementes*, participantes iniciais que iniciam a indicação de outros sujeitos da pesquisa, inferem o recrutamento tanto pelos pesquisadores quanto pelos indivíduos que potencialmente serão pesquisados ou por outros que possuem um conhecimento da comunidade/ fenômeno a ser investigado (BOCKORNI; GOMES, 2021).

Bockorni e Gomes (2021) compreendem que a amostragem em bola de neve é mais indicada para pesquisas com grupos menores ou, em caso de grupos maiores, em que haja a possibilidade de encontrar diversas sementes, que elas sejam capazes de indicar membros em seu círculo social de diversos níveis de “popularidade” ou até mesmo sementes com contatos mais diversificados dentro do grupo. Essas estratégias podem levar a uma amostra mais representativa do grupo social a ser pesquisado.

O estudo se utilizou da abordagem qualitativa ao qual, como salientam Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Acredita-se que com esta abordagem se consiga alcançar os objetivos apresentados e também pela maior liberdade para a interpretação do material empírico construído, além do método de recrutamento dos participantes selecionados (ALBUQUERQUE, 2009).



O Termo de Consentimento Livre Esclarecido (<https://forms.gle/JcRCrnZwiH5eDUyv6>) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (<https://forms.gle/b5Z4kXtbjH4SY4WS8>) podem ser consultados nos links em destaque.

A escolha por esse caminho metodológico, “Grupo Focal Online”, permitiu a organização de encontro com esses jovens partícipes da pesquisa de diferentes cidades e realidades.

A Regional de Uberaba, órgão Governamental da Secretaria de Estado de Educação, localidade no qual o estudo está inserido, coordena e atua em 25 municípios num raio de aproximadamente 700 km territorial e com o atendimento a 100 escolas estaduais, 193 escolas municipais, 03 escolas federais e 117 escolas particulares, num universo de 152.595 alunos, conforme consulta ao órgão competente (SEE-MG, 2022).

Desta forma, considerando esse cenário que pudesse ser diverso, foi construído um esboço dos tópicos para serem abordados no grupo, havendo questões abertas, relacionadas ao ensino remoto e seus contornos, e as falas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). A categorização foi estruturada em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

### 3 Resultados e Discussão

A escuta dos jovens, por meio de Grupo Focal Online, oportunizou-nos refletir acerca das barreiras e dificuldades para que os discentes consigam permanecer ou mesmo avançar frente às lacunas registradas ao longo da história tardia e desigual já refletida por Dayrell (2007) e acentuadas ao longo da pandemia da Covid-19.

#### 3.1 Quem são os jovens pesquisados

Os jovens na sua maioria foram do sexo feminino, aproximando a 70% de 15 participantes no total, mostrando serem bem comunicativos, com sedes de falas, falas



essas que me nos fizeram lembrar do trecho de uma música da cantora brasileira Mallu Magalhães: “não sou do passado nem do futuro, eu só gosto do agora”.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no período de 2012 a 2018, reflete dados sobre a Educação Básica no qual consta a fração de dois quintos da população possuírem rendimentos menores. Na rede privada esses dados se invertem e, ainda, “somente 5,6% dos estudantes na rede pública de ensino médio pertenciam aos 20% da população com os maiores rendimentos, enquanto 46,7% dos estudantes da rede privada faziam parte desse quinto da população” (IBGE, 2019, p. 83).

Mesmo conscientes da desigualdade no contexto social e acadêmico, acentuada com o avanço da pandemia no Brasil, o grupo de jovens apresentou ao longo de suas vozes desencantos, porém houve também encantos pela mudança, afirmando o que Pais (2017) já vem compartilhando suas experiências no campo da sociologia da vida cotidiana como metodologia de pesquisa com estudantes, professores e pesquisadores da área da Educação.

Quando o grupo focal de jovens é questionado acerca: “Quem sou eu, além dos muros da escola?”, respondem, quase em coro:

“Sou filha, sou neta, irmã, sobrinha sou uma trabalhadora e por aí vai...”  
(JOVEM 1, 2021)

“Fora dos muros eu tive que me virar, comecei uma vida nova, buscar cursos, trabalho também...outras amizades também!”

(JOVEM 2, 2021)

“Um atleta...”  
(JOVEM 3, 2021)





O contexto imposto pela pandemia e as falas das jovens, em especial 1 e 2, nos fazem pensar em Pais (2017), no tocante à expressão “curva do tempo” - em que os jovens da rede pública em especial estejam nesta curva, e ainda:

Nem o sistema educativo nem o mercado de trabalho parecem capazes de garantir a realização das aspirações de jovens. Com dificuldades de inserção profissional, são então acossados por sentimentos de desilusão e descrença, traídos na capacidade de imaginar um futuro com esperança. Há pais que fazem um forte investimento na formação acadêmica de seus filhos na expectativa de que possam mais facilmente encontrar trabalho e tornarem-se independentes. Mas o que se observa é que muitos deles permanecem em casa dos pais, sem trabalho, economicamente dependentes. De fato, embora os jovens integrem a chamada geração do futuro, muitos deles não o conseguem vislumbrar, arrastando-se num presente deficitário de esperança (PAIS, 2012, p. 268).

O perfil desse grupo focal em especial refletiu incertezas quanto ao futuro, à fragmentação social, econômica e educacional ancorada na pandemia. Em um texto recente publicado na página da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Zan e Krawczyk (2020) sinalizaram a preocupação com a etapa de ensino do Ensino Médio e também com a geração destas juventudes, no qual o abandono e a mercantilização do Ensino Médio ficaram mais evidentes ao longo da pandemia.

Nesse sentido é importante também compartilhar os dados do IBGE (2020), que apresenta uma população jovem como sendo a maior da história: mais de 47 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos. E esses dados são acompanhados pelas altas taxas de desemprego, trabalho informal, insegurança em permanecer trabalhando e pouca perspectiva de avanço na carreira.

Em Corrochano (2001), numa pesquisa voltada aos olhares para os jovens revela, já naquela década, uma preocupação em relação à escolaridade: 78% já haviam concluído o ensino fundamental, 59 % avançaram para o ensino médio e apenas 4 % chegaram ao ensino superior.

Recentemente o Estado de Minas Gerais, publicou um programa denominado “Trilhas do Futuro”, composto de um catálogo de cursos técnicos com foco nos



estudantes de Ensino Médio. Tal programa também pode ser acessado na página da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE MG, 2022).

Ressalta-se que o Ensino Superior não seja sinônimo de inserção profissional ou de outras garantias, no entanto se deseja que a juventude possa ter direito a escolhas, sejam elas de acessarem um Ensino Técnico ou ainda de buscarem uma formação acadêmica.

Zan e Krawczyk (2020) afirmam que o fechamento das escolas, a falta de acesso aos recursos tecnológicos disponíveis pelas políticas públicas, a desestruturação na economia do país e principalmente das famílias com rendas mais baixas e o desemprego foram fatores que agravaram as condições econômicas de sobrevivência, em decorrência da perda do trabalho de seus mantenedores ou dos próprios alunos.

A escola pode ser considerada como uma instituição central na vida dos jovens, já que é um espaço de encontro com pares, de aprendizado, experiências, valores e de projetos de vida, no qual se passam ali muitos anos de sua vida, ou ainda, para alguns a maior parte da sua vida. Nesse sentido vale ressaltar a importância da saúde física e mental desses jovens que frequentam essa escola, em especial a pública, e que ali, mesmo com todas as dificuldades, é essa escola que deve alimentar boas experiências e valores para a vida desses jovens (ZAN; KRAWCZYK, 2020).

### 3.2 Jovens em ação

A categoria “Jovens em ação” é fruto das respostas e reflexões em torno da questão se faziam parte de alguma organização social ou Organização Não Governamental. As respostas foram:

“Eu participo de um grupo social da Igreja. Nesse grupo, temos um jovem que é o líder de evangelização, tem também o líder de organização, o líder de divulgação e de consolidação. Consolidação é que acompanha os encontros e que aceita Jesus até o batismo”.

(JOVEM 4, 2021)



Outro jovem também se manifesta:

“Faço parte também de um grupo social, só que de outra Igreja!”

(JOVEM 5, 2021)

Para Pinto e Mayorga (2012, n.p.), persiste uma descrença, por parte dos jovens, nos modelos tradicionais de ação política e um desejo de práticas democráticas, assim muitos a encontram nos espaços das igrejas, como podemos apreciar a reflexão que considera:

[...] o envolvimento no espaço da religião pentecostal tem levado os jovens a encontrarem um respeito social, o que tem contribuído para construção de um auto respeito e, com isso, a possibilidade de se sentirem capazes até de intervir nos espaços e relações a sua volta com um pouco mais de autonomia frente aos processos de regulação vivenciados.

Não foi encontrada neste grupo outra participação social que não fosse a igreja, nos fazendo concordar com Pinto e Mayorga (2012, n.p.) quando concluem que os jovens podem por vezes vislumbrar outras oportunidades nesses movimentos pentecostais das igrejas, mesmo de forma reflexiva, no campo das ideias, “sem uma ação mais organizada”, que os coloca numa “posição de uma maior autonomia frente aos processos de subordinação vivenciados”.

### 3.3 Os Jovens e a Escola na pandemia

Esta categoria nos leva a refletir sobre a relação que os jovens têm com a escola ou que por vezes deixaram de ter ao longo da pandemia. São evidenciados elementos acerca do quanto a escola, enquanto instituição, tem a sua importância, não apenas no campo cognitivo, mas também no âmbito das relações sociais que são estabelecidas.

Quando perguntados sobre qual foi o local que sentiram falta de frequentar ao longo da pandemia, a maioria não hesitou em responder:



“A escola foi o local que senti mais falta!”

(JOVEM 3, 2021)

Leão e Carmo (2014, p. 23) nos ajudam a ressignificar essas vozes e olhares para esses jovens que formam esse mosaico no campo das culturas juvenis, quando defendem que esta fase é marcada pelos encontros com o outro: “muitas decisões são tomadas a partir de laços de confiança e reconhecimento construídos nos grupos”, considerando que os grupos aos quais fazem parte são de fundamental importância para a construção de suas experiências. Percebe-se que a pandemia os distanciou dos colegas e da escola, bem como dos professores, como relata a Jovem 2:

“Na pandemia distanciamos muito uns dos outros. Agora que estamos voltando a nos falar mais!” (JOVEM 2, 2021)

A fala da jovem 2 reforça a importância da escola, em especial neste contexto, valorizar esses encontros e falas, valorizar outros espaços de encontros, que por vezes até extrapolem “os controles das salas de aula”, como tratam com tanto cuidado e zelo essa temática as referências Leão e Carmo (2014), mesmo anteriormente ao contexto pandêmico.

Quando perguntados o que é a escola para eles, ou ainda o que ela representa, as seguintes falas se apresentam:

“Lugar de aprendizagem!”  
(Jovem 7, 2021)

“Que deixa a mente mais ampla  
para preparar para o futuro!”  
(Jovem 3, 2021)

“Pra mim é a segunda casa!”  
(Jovem 1, 2021)



Falas essas que endossam a “trajetória escolar enquanto importante papel no futuro dos jovens e assumindo diferentes significados dependendo do momento vivido” (LEÃO; CARMO, 2014, p. 29).

Por mais que os jovens tenham suas concepções formadas acerca da escola, percebe-se nesse grupo que os sentidos e a importância para com a escola talvez tenham se tornado mais evidentes, uma vez que a falta dela trouxe para alguns até certa ansiedade, reclusão em si mesmos, por falta de motivação para estudar sozinhos sem a presença dos professores, recursos e dos colegas.

A escola pode e deve proporcionar experiências que possam colaborar com o processo de construção das identidades que ali transitam a partir da história que cada um carrega e também a partir das trocas com o outro, outros e pares (DAYRELL, 2007).

### 3.4 Ensino Remoto das Escolas Públicas

O trabalho de Silva (2019), realizado antes do período pandêmico, já revelava, a partir de um trabalho com os Jovens do Ensino Médio, o reconhecimento da importância da escola, em especial no estabelecimento das relações, considerando que era na escola que eles se encontravam a partir dos grupos que faziam parte, onde as conexões aconteciam. Ao mesmo tempo tinham clareza dos desafios a serem enfrentados enquanto jovens e escola, já que percebiam uma escola muito tradicional, que resistia e ignorava até o uso e a apropriação das tecnologias.

Quisera o destino de um dia para o outro fazer com que professores, sistema e estudantes fossem os mais conectados possíveis, a iniciar das aulas de forma virtual, os registros também virtuais, com conexões essenciais para o estabelecimento das relações. Silva e Pierro (2021, n.p.) também colaboram com essa categoria acerca das reflexões em torno:

[...] da adoção do ensino remoto emergencial sem a necessária preparação de alunos ou professores, a não consideração das limitações tecnológicas e sociais, e a não observação das especificidades de migrantes e refugiados adultos podem levar a novos mecanismos de exclusão e à restrição de direitos educativos.



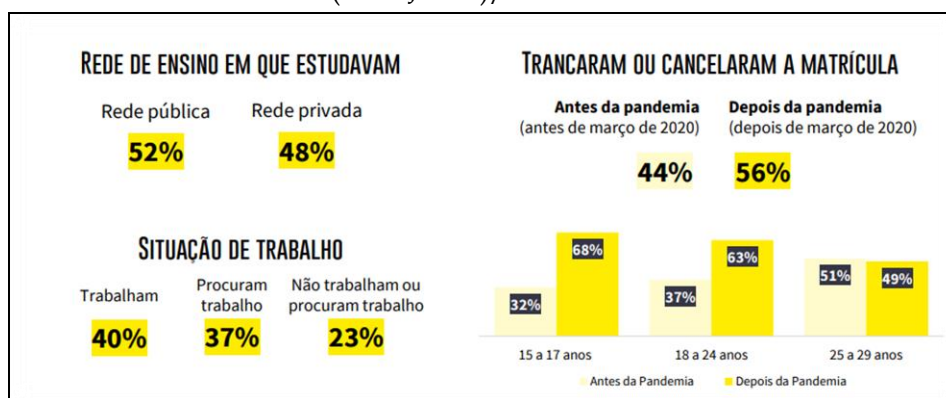


O Brasil vive hoje um sucateamento na educação pública, acentuado em especial pelo ensino remoto ofertado aos estudantes das escolas públicas ao longo da pandemia nos anos de 2020 e 2021, dando maior visibilidade às desigualdades:

[..] de acesso à educação dos jovens brasileiros: há escassez de acesso aos meios digitais; faltam condições adequadas em casa para os estudos; adoecimento dos familiares; agravamento das condições econômicas de sobrevivência, em decorrência da perda do trabalho de seus mantenedores ou o dos próprios alunos (ZAN; KRAWCZYK, 2020, n.p.).

A pesquisa coordenada pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) apresenta a estatística que pode ser apreciada na Figura 1, na qual consta que mais da metade dos jovens que não estão estudando trancaram ou cancelaram sua matrícula depois de março de 2020. Nota-se que quanto mais novos, mais a interrupção dos estudos está relacionada ao período da pandemia.

Figura 1. Pesquisa coordenada pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE)/Pandemia



Fonte: CONJUVE(2021)

Segundo essa mesma pesquisa, os motivos para a evasão podem ser apreciados na Figura 2:



Figura 2. Jovens não estudando: motivos para evasão

		Mulheres	Homens	15 a 17	18 a 24	25 a 29
Precisei ir ganhar dinheiro	21%	18%	25%	4%	19%	24%
Não consegui me organizar com o ensino remoto	14%	14%	14%	20%	16%	12%
Não estava aprendendo ou não gostava dos conteúdos	10%	10%	11%	18%	13%	8%
Precisei cuidar de filhos ou da gestação	10%	17%	1%	11%	8%	12%
Tive problemas saúde (ex.: depressão, covid-19, outras)	10%	10%	9%	12%	9%	10%
Não consegui conciliar estudo e trabalho	9%	6%	12%	6%	7%	11%
Não tinha recursos tecnológicos disponíveis	4%	4%	3%	2%	4%	3%
Precisei cuidar de outras pessoas da família	3%	3%	4%	2%	3%	4%
Não tinha aulas ou faltavam professores	2%	1%	2%	6%	2%	1%
Não estava me sentindo acolhido(a) / Discriminação	2%	2%	2%	1%	2%	2%
Não tinha de apoio da família	1%	1%	1%	0%	2%	1%
Já estudei o quanto queria	1%	0%	1%	3%	1%	0%
Outro motivo	14%	15%	13%	15%	15%	14%

Fonte: CONJUVE(2021)

Os dados indicados na Figura 2 também aparecem nas falas dos jovens quanto aos desafios com o ensino remoto ao longo da pandemia:

“Foi um período muito difícil... não tínhamos como tirar dúvidas com os professores!”  
(JOVEM 4, 2021)

“A falta de hábito e de rotina para estudar, como não tínhamos, ficamos prejudicados nesse sentido.”  
(JOVEM 2, 2021)

“Foi complicado o contato com os professores, porque temos professores com muita idade, que não sabia como lidar com as tecnologias! Era bem complicado ter acesso a eles!”  
(JOVEM 5. 2021)

Percebe-se neste grupo pesquisado que o maior desafio com o ensino remoto, para além da ausência de recursos tecnológicos, de terem que procurar um emprego para ajudar na renda da família, fica evidente nas falas a angústia quanto à ausência física do professor ao longo desse processo, demonstrando que o professor sempre terá um papel fundamental na mediação professor-aluno. O papel do professor pode



assumir outros contornos, porém a relação professor-aluno sempre será condição de fundação para o processo ensino-aprendizagem.

Não é o objetivo dessa pesquisa atribuir ao professor toda a responsabilidade para a melhoria da educação, e sim despertar reflexões que o colocam em um papel central no campo dessas relações com o outro, relações essas que podem ser regadas de sentidos ou não a depender de como são estabelecidas.

### 3.5 Ser Jovem da Escola Pública na pandemia

Talvez o que mais se aproxime desta categoria e destas vozes é “iceberg”. Ou, ainda, para traduzir essa categoria em uma fórmula matemática, esta seria - SER JOVEM DA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO = (ICEBERG X PANDEMIA) <sup>2</sup>.

A escolha da incógnita traduzida no Iceberg é dada pela própria etimologia que essa expressão carrega, “um grande pedaço de gelo que se desprende das geleiras polares e vagueia pelos oceanos árticos” (<https://www.significados.com.br/iceberg/>).

Assim, mesmo que se perceba, no Ensino Médio das escolas públicas, uma etapa que flutua solitária do todo, que vagueia em um mar de desvantagens com relação a outras realidades e que podem contribuir até para evasão desses jovens da escola e mesmo tendo o seu reconhecimento recente, na década de 1990, mais precisamente com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a oferta do Ensino Médio como etapa de conclusão da Educação Básica, não acompanhou a oferta com a qualidade esperada (DAYRELL, 2007).

Com a pandemia instalada nos anos de 2020 e 2021, a situação desta etapa de ensino tendeu a se agravar, uma vez que ao longo desse período os jovens ficaram longe deste espaço. É na escola e com a escola que há a produção coletiva, com atividades interativas.

Quando perguntados sobre o que é “ser Jovem da Escola Pública em especial no contexto da pandemia”, as vozes ressoam:



“A gente estava até comentando esses dias, que se for comparar com as escolas privadas, nas escolas públicas não tem tanta cobrança!”

(JOVEM 4, 2021)

“Na escola particular eles cobram mais, são mais presentes...entendeu? Eles pegam mais no pé. Aqui é assim, eles passam a matéria e é isso, se você quiser aprender algo a mais é com você!”

(JOVEM 3, 2021)

Por essas e outras falas se torna imprescindível a melhoria da gestão de sala de aula e no processo educativo, aumento do investimento em Educação, que faz parte da meta 5 centrada na qualidade e garantia da Educação: exigindo comprometerimentos de políticas públicas e gestão, com foco nas crianças e nos adolescentes mais vulneráveis, com o objetivo de equilibrar as disparidades que acompanham as dimensões econômica, cultural, de gênero, étnico-racial e territorial existentes no Brasil, com destaque para o atual contexto pandêmico (MEC, 2021).

Quando os jovens são perguntados sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) realizado no ano de 2021, respondem:

“Não me sinto preparada não para o ENEM. Nem sei se vou prestar essa prova! Pra quê, né? Pra saber que não estava preparada, isso eu já sei.”

(JOVEM 5, 2021)

Assim como a jovem 5, a maioria dos jovens participantes revelou sentimento de não estarem preparados para o exame e apresentaram fragilidade e insegurança para a realização do exame.

Em meio à crise instaurada está também o ENEM/2021, fato esse pode ser identificado na figura 3, em especial quanto às abstenções. Mesmo estando em menor número no ano de 2021, não fugiram dos holofotes as críticas à organização do exame. Segundo notícias veiculadas na imprensa: “Duas semanas antes da prova, 37



servidores pediram demissão alegando interferência do governo no conteúdo da avaliação”, conforme publicado no Jornal Correio Braziliense (2021).

Figura 3. Abstenção de participantes do Enem 2020-2021

Ano do Exame	%
2020	51,5%
2021	26%

Fonte: INEP (2021)

Essa crise gerou insegurança nos estudantes e também professores. As vozes dos jovens que participaram do grupo focal e o número de abstenções no ENEM nos anos de 2020-2021 podem sinalizar um alerta. Para Dayrell (2007), Leão e Carmo (2014), Zan e Krawczyk (2020) e Silva (2019), olhares e escuta cuidadosa não só para o Ensino Médio, mas também para cada etapa e para o todo, são necessários de forma a ressignificar o Ensino Médio como etapa de conclusão da Educação Básica com qualidade.

Dados do Censo Escolar do Inep apontam que a crise escolar agravada pela pandemia teve um alcance nacional e também econômica, com alto e significativo número de jovens que saíram da escola pública em 2021, para atuar no mercado de trabalho, como afirma Zan (2022).

Os estados como de São Paulo e Minas Gerais têm buscado desenvolver programas voltados para a busca ativa desses alunos que deixaram os estudos, recuperação e o reforço no contraturno, avaliações diagnósticas, além dos programas de educação integral nas escolas. A proposta de educação integral faz parte do Plano Nacional de Educação. O tempo de permanência em sala de aula aumenta de cinco para sete horas, podendo ser das 7h às 14h ou das 14h15 às 21h15, são algumas das apostas de tentativa de corrigir as possíveis lacunas herdadas na pandemia (SEE MG, 2022).

Ainda assim, Zan (2022) alerta para os dados expressivos da evasão, um cenário que pode ser observado em todas as regiões do país. Apesar das políticas públicas apresentarem programas para a correção de certas distorções, estamos ainda com um grande número de alunos fora da escola que acabam não retornando para concluir o ensino médio. A





pesquisadora também propõe a necessidade de políticas públicas mais ativas com bolsas de estudo para esses estudantes conseguirem cumprir essa etapa da vida.

#### 4 “De que forma os jovens de Ensino Médio das Escolas Públicas do Estado de Minas Gerais, foram atingidos pela pandemia?”

Se fosse possível mensurar essas perdas, talvez a maior seja a ausência de possibilidades de fazerem amigos, de participarem de grupos, de encontrarem com o outro colega, com o professor, com a escola, com o seu grupo de convivência.

A sociabilidade é dimensão central na vida dos jovens, e é a partir dessa sociabilidade que os vínculos e conexões ocorrem, incluindo aqui vínculos de aprendizagem que podem ser frutos dessas relações quando significativas.

As vozes dos jovens revelam desafios urgentes que emanam pressão por parte das políticas educacionais, para a busca e permanência desses jovens no Ensino Médio, porém com qualidade. É emergente também uma articulação para o acolhimento e atendimento dos jovens, se fazendo também necessário que a formação continuada para os professores seja uma política consolidada, em que os docentes possam renovar suas práticas.

Acredita-se ser importante resgatar a motivação para aprender, permanecer e compreender como os jovens aprendem, sendo exigida atenção cuidadosa com a condição juvenil.

Para além de manter o aluno na escola, é preciso clareza na escola que se tem e a que se deseja, para a construção de uma escola e etapa de ensino com identidade consolidada, para que deixe de ser iceberg, deixe de vagar em mar aberto, sem dono e sem destino.

#### Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; WAISELFISZ, J. **Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: por que frequentam?** Flasco-Brasil, OEI - MEC, 2015.

AMORIM, J. A.; MISKULIN, R. G. S. Multimídia para educação e formação de



professores em tecnologias digitais. **Revista de Educação PUC-Campinas**, n.29, p.223-243, jul./dez., 2010.

BIKLEN, S., BOGDAN, R. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto Editora, Portugal, 1994.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao.htm). Acesso em 25 out. 2021.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE**. Disponível em: ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm)), acesso em 25/10/2021.

CORROCHANO, M. **Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo**. Dissertação de mestrado, São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, acesso 2022.

DAYRELL, J. A escola faz Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.28, n.100, p.1105-1128, out.2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 set. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). ... IBGE. Pesquisa de Indicadores Sociais, 2019.

KRAWCZYK, N.; ZAN, D. **Resiliência ou resistência: um dilema social pós-pandemia**. [S. l.], v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/view/119966>. Acesso em: 10 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. **Educação e Juventudes sob fortes ameaças**. Disponível: <https://www.anped.org.br/news/educacao-e-juventude-sob-fortes-ameacas-colaboracao-de-texto-por-dirce-zan-unicamp-gt-03-nora>, acesso 09/12/2021.

LEÃO, G.; CARMO, H. C. **Os Jovens e a Escola**. Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.



MAIA, B. R.; DIAS, P. C. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19.** Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 37, 2020.

MEC: Brasília - DF, 2008. BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE).** Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001.

MINAS GERAIS, SEE. **Planos de Estudos Tutorados 2022.** Disponível em: <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/pets>, acesso 09/12/2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. **Corona vírus: o que você precisa saber e como prevenir o contágio.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>, acesso em: 25 out. 2021.

OLIVEIRA, R. **O Ensino Médio e a inserção juvenil no mercado de trabalho,** In Trabalho, Educação e Saúde. RJ: v.16, n.1, jan/abr 2018.

Pais, José Machado. A esperança em gerações de futuro sombrio. **Estudos Avançados** [online]. 2012, v. 26, n. 75 [Acessado 10 Novembro 2022], pp. 267-280. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000200018>>. Epub 25 Jul 2012. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000200018>.

PATRIOLINO, L. **Em meio à crise, Enem 2021 tem 26% de abstenção no país.** **Correio Brasiliense.** Disponível: <https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2021/11/4964903-em-meio-a-crise-enem-2021-tem-26-de-abstencao-no-pais.html>, acesso dia 20/11/2021.

PINTO, P. G.; MAYORGA, C. **JUVENTUDE E PENTECOSTALISMO: PARTICIPAÇÃO SOCIAL EM CONTEXTO DE FAVELA.** Disponível: <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-18.pdf>, acesso dia 09/12/2021.

REIS, T. B. et al. A prática do home office em períodos de isolamento social. **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento do ISECENSA,** 2020.

SALES, S.R.; EVANGELISTA, G. R. AMOR, coragem! Dilemas e Possibilidades na relação com estudantes em tempo de pandemia. **Revista da Escola,** Brasília, v.14, n.30, p. 858-875, set/dez/2020.

SILVA, L. et al. Educadores Frente à Pandemia: Dilemas e Intervenções alternativas para Coordenadores e Docentes. **Boletim de Conjuntura (BOCA),** v. 3, n. 7, p. 53-64, 2020.



SILVA, M. I. **Olhares Juvenis para as escolas- gaiolas ou asas? Um estudo em Uberaba-MG.** Dissertação Mestrado em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, 2019.

SILVA, RITA DE CÁSSIA DA CRUZ e PIERRO, MARIA CLARA DIOS IMPACTOS DA COVID-19 NOS DIREITOS EDUCATIVOS DE MIGRANTES E REFUGIADOS ADULTOS - NOTAS DE PESQUISA. **Educação em Revista** [online]. 2022, v. 38 [Acessado 10 Novembro 2022], e34185. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-469834185>>. Epub 10 Jun 2022. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-469834185>.

SPÓSITO, M.; AIMEIDA, E. **Jovens do Ensino Médio e participação na esfera escolar: um estudo transnacional**, In Estudos Avançados, 34 (99), 2020.

SPÓSITO, M.; SOUZA, R.; SILVA, F. **A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos**, In Educação e Pesquisa, v.44, 2018.

ZAN, D.; KRAWCZYK, N. Ataque à escola pública e à democracia: notas sobre os projetos em curso no Brasil. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 607-620, 2020. DOI: 10.22420/rde.v13i27.1032. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1032>. Acesso em: 18 ago. 2022.